



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## DESPEDIDAS

Ramon Reis<sup>1</sup>

### 1. Aqui nos despedimos

Depois percebi... Tudo naqueles dias, envolvendo a todos, parecia uma serena cerimônia de despedida. Aquele foi meu encontro com a natureza. Não a construção idílica construída para mim através de um Renascentismo remoto. Foi a descoberta da imensidão. A descoberta dos pequenos sulcos do que era ao que é a floresta. Estava tudo lá. Tudo vendo nós chegarmos. Nada era como imaginado por mim, tudo era maior. As feridas mais abertas. Foi um encontro em que simplesmente fui. Gastando os últimos trocados. Se não saís de ti, não chegas a saber quem és (SARAMAGO, 1998). As imagens surgiam como uma passagem. Um gesto de despedida daquilo que nos atravessava naquele território.

Algumas pessoas agitavam-se em suas poltronas e logo soube que estávamos em algum lugar importante às pessoas pelo menos ali. Era difícil ver. Via muitas luzes superpondo-se. Olhei para o lado de fora, água dormindo. O grande lago. A Noite parece pôr segredos e revelar outros em certas paisagens. Chovia muito e havia neblina sobre os montes. Estamos descendo um trecho... Posso ver uns poucos bois no centro de um monte rodeados por neblina. Queria descer e ver aquilo, aquele lampejo, que pareciam querer me anunciar algo. Tucuruí.

A sensação de que as árvores me começam (BARROS, 1996, p.72) e a descoberta das mais importantes: a Amazônia não é plana. O que pensavam os primeiros humanos ao vê-la? O que pensava ela ao vê-los. Ela, a floresta... Sobre a imensidão o geógrafo paraense Eidorfe Moreira (2011) diz em seu ensaio *Ideias para uma concepção geográfica da vida* que quando nos proclamamos independentes do universo e pretendemos fazer-nos unidades autônomas dentro dele, somos a pequenez, a pretensão, o egoísmo, mas quando nos sentimos integrados no grande todo, ainda que anônimos e sós em face de sua incomensurabilidade somos a ressonância e a consciência de sua plenitude.

Chegamos na sede do *Xingu Vivo para sempre*. Abrimos a porta, subimos, viramos o corredor, entramos numa sala para chegar em outra porta. Abre-se e lá está... um

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharel em Artes Visuais. Universidade Federal do Pará. [aostrovoes@gmail.com](mailto:aostrovoes@gmail.com)





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Havia um tom distópico naquelas terras. Um tom. Chegamos a sua chácara. É linda. Muito acolhedora. Verde claro. Há uma plantação de cacau. Para todo o lado as árvores, flores...Élio, enfrenta um tipo de isolamento e depressão devido a mudança radical em sua vida. Precisamos colocar a rede e pegar uns peixes. Remamos em um grande lago negro no fim da tarde, o que deu a ele e ao céu, tons de violeta. Dezenas de tocos compunham o espelho d'água junto ao o silêncio no pequeno barco. Rompido pelas histórias do Élio e minha inabilidade com o remo.

Dias mais a frente estivemos entre outros vestígios. Uma família dentre muitas com uma história para contar e um teto para compartilhar. E eu? O que tinha e tenho para partilhar? Estávamos no km 43 de Altamira. Descemos e podíamos ver a casa da filha de Élio. Sua família mais embaixo. A casa não os pertence, foi doada por uma família de amigos. Solidariedade. Almoço nos espera. Gentileza. Logo nos preparamos para partir. Eu não estava bem situado no plano, nos lugares, então as coisas iam mais ou menos sendo surpresas. Logo fomos. Passamos em frente a uma grande cidade. Chegamos na beira do rio. Esperamos. E trouxe um barco. Seguimos. Não sei ao certo para onde. No rio. Olhei para o lado. Lá estava todo o concreto erguido, revestido de poder e autoridade. Como um monstro que dorme às vezes.

Passamos uma noite inteira iluminados por suas luzes, do monstro. Era silencioso. Umas risadas. O tempo todo brincavam. Faziam piadas, nós ríamos sempre. Logo anoiteceu. O breu chegou. O trabalho no monstro é 24h. Suas luzes fortes permanecem ligadas. Acesas a noite inteira na grande escuridão. Jantamos um peixe. Fui lavar meu prato, na pequenina praia que contornava a casa, lá estava o grande silêncio. A escuridão está lá. Os sons. O rio noturno. Como algo pode ser imenso e sereno? Silêncio e todos os sons. Há tanta vida ali. Há vida em tudo. Eu o ouvi. Parei de lavar o prato e levantei. Olhei. Tão forte, tão perto. A um ponto no horizonte em que rio, floresta e céu confundem-se na escuridão. A noite e a escuridão me dizendo algo. A imagem é interrompida por um movimento de cabeça que permite a luz forte da usina aparecer em meu ângulo de visão. Olhei para o lado. Uma usina hidrelétrica. Uma forte luz. Para produzir luz num mundo cheio de luz. Em *A natureza do Espaço*, Milton Santos nos lembra de que no começo da história

A configuração territorial é simplesmente o conjunto de complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada. (SANTOS, 2008, p. 62)

A energia é uma promessa. Uma das últimas 'fronteiras' do capital na Amazônia a ser alcançada ainda neste começo de século. A geração de energia para servir a exploração mineral, ao avanço industrial. Energia para quem? Onde? A Amazônia não é o que você quer (QUEIROZ, 2013, p. 183). Em um célere processo de desenvolvimento tecnológico há uma suposta necessidade de energia, conseqüentemente largas escalas de luz desenham-se sobre a terra à noite. Basta voarmos um pouco na estratosfera para ver a má distribuição do futuro que chegou. Acho que não chegou por aqui...

Diversos ciclos de colonização instalam-se aqui depois daquele maior, que uns chamam de descoberta e nós chamamos de invasão, saque e genocídio. Hoje ocorre um desses períodos. Na nova ordem. Pós-guerras. Cheio de guerras. Visíveis e invisíveis. Um dia foram especiarias, outro dia, borracha, agora minério, energia, desde sempre terra, gente... A Amazônia não é passado. A Amazônia não é futuro. A Amazônia não é engano (QUEIROZ, 2013, p. 183).

Fomos fazer umas das últimas gravações do curta-documentário de Luana Peixe e Élio, chamado *Em busca do Cari Zebra*, documentário que trata do desaparecimento de um peixe, lugares, modos de vida...

Durante o período em que me dedico à reunião desses fragmentos, desço a rua da minha casa, num dos subúrbios da Amazônia, área metropolitana de Belém, clareira aberta, estou só, é tarde. Apenas eu caminho pela minha estreita rua. Iluminada por lâmpadas incandescentes que das superfícies um tom de dourado. Vago. Vaga um vaga-lume, desce lentamente ao horizonte de minha visão e se eleva outra vez. Um único vaga-lume. Oscilando. A mim oscilando. A pequena luz. Apenas eu e ele. Parecia querer me dizer algo. Ergo a cabeça para acompanhá-lo. Ele desapareceu, se foi. Ele me viu... Isso foi pouco antes de começar a ler o *Sobrevivência dos vagalumes*, de Georges Didi-Huberman, logo depois um grupo inteiro entraram no meu quarto e pousaram sobre mim durante a noite. Nesse ensaio Georges fala a partir do que ficou conhecido como *O artigo dos vaga-lumes*, escrito por Pier Paolo Pasolini pouco antes da sua morte, sobre o desaparecimento de vaga-lumes em uma região da Itália devido o avanço industrial, relações políticas e luz.

Nele é tramado densas associações entre os modos populares de resistência, seu desaparecimento e sobrevivência, e as pequenas luzes oscilantes dos vagalumes frentes as grandes luzes emanadas pelo progresso industrial no mundo, as luzes do poder. É possível ver essas oscilações em diversos fenômenos da vida, como









x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

verdade era cheio de elevações que criavam a sensação de tamanho. Percebi nos terrenos que já são pastos. A cada canto uma casa. Naquela imensidão de floresta, em cada canto uma casa. Uma voadeira cortando o rio. Imaginei visto de cima. Lá da estratosfera outra vez. O que conversam as árvores com os peixes e a correnteza quando estão a sós? Rio. Forma de veia. Veia forma raiz. Alastramento na pele.

Chovia tão intensamente que às vezes estávamos numa floresta e às vezes envoltos pela cortina de chuva. A umidade é uma das substâncias mais densas na Amazônia. De modo que às vezes acredito ser possível afogar-se respirando com um amigo me disse uma vez.

Fomos até um dos canteiros de obras da usina. Outra chuva vinha, tivemos que ser rápidos ao escalar pedras que formavam uma contenção. Subimos. Estava descalço. Quando chegamos, vi a chuva cobrindo com seus panos o monstro. Voltamos. Fui na proa, na ponta. Tomando banho de chuva. Descalço. Tomando um banho de chuva no rio Xingu. Em velocidade. Tudo ali. Frio. Úmido. O ar forte. O vento forte do Norte. Me sentia nu na tempestade, na imensidão. As árvores que se agrupam e emergem. Elas emergem e se inclinam. Eu me inclino e olho a água passando pelo barco. Inclinações.

Mas o que vejo na disposição hidro botânica? Anne Cauquelin em *A invenção da paisagem* diz que a transfiguração da Paisagem em Natureza tem suas origens no Renascentismo. Ela se consolida como elemento simbólico nas artes visuais através da pintura, onde se instala e parte. A paisagem que hoje vemos talvez seja parte de um projeto cultural. Quando se vê é Tempo, o olhar vem carregado de inscrições e repercussões temporais.

Autores confiáveis situam seu nascimento por volta de 1415. A paisagem (termo e noção) nos viria da Holanda, transitaria pela Itália, se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração das leis da perspectiva e triunfaria de todo obstáculo quando, passando a existir por si mesma, escapasse a seu papel decorativo e ocupasse a boca da cena. (CAUQUELIN, 2007, p.36)

A norma vigente até então, era a representação, e a Paisagem surge como um motivo estranho, não há tema... Mas renascentistas querem mostrar o que se vê. Nesse período ela também configura-se como valor geopolítico já que o mundo das sociedades europeias ia até o mar mediterrâneo, mas com a expansão marítima, a medida que passam a invadir territórios a paisagem também passa a ter instrumentalidade. Um caráter historiográfico, narrativo. Ilustra o "novo mundo" natural. O mundo que eles dominaram.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Nas artes visuais, talvez, a noção de Paisagem só passa por transformações com a chegada do impressionismo, da Fotografia, do Cinema e das vanguardas modernistas, passando pela tradição da gravura japonesa. Mais tarde no pós-guerra, surge a landart, tendo como um de seus expoentes Robert Smithson e suas intervenções diretas na terra, passando pelo minimalismo como o de Walter di Maria, até as pinturas e instalações de Anselm Kiefer; o escutar das pedras de Marina Abramovic e o escutar das conchas de Ligya Clark; a coleta de neblinas, maresia e orvalho por Brígida Balthar; o diálogo entre violência e delicadeza de Armando Queiroz; várias outras que propoem toda uma historiografia da Natureza nas artes visuais... Observando todo desenvolvimento científico na modernidade até os dias atuais, mudanças profundas em nossa compreensão de nossos ambientes. Arte é uma descrição possível para o espaço? Uma Geografia possível? Uma inscrição da terra? Nossa apreensão da paisagem é também estética.

O ver é carregado de muitas camadas justapostas. Mas se a construção, a disposição visual da natureza começa a se dar por essas vias, há entre nós, sociedades contemporâneas, uma noção visual colonizada de natureza através de muitas dessas construções, de Leonardo da Vinci as missões artísticas que aqui aportaram. É possível pensar também na Paisagem como um instrumento de colonização no sentido de suas funções cartográficas que serviam a criação e instituição de um imaginário sobre os trópicos. Penso em narrações, cartas escritas pelos primeiros invasores que por aqui chegaram...é preciso descolonizar. É preciso.

Aqui onde o sol é mais forte e o ar mais úmido como é a paisagem? Como é a Amazônia em suas múltiplas dimensões poéticas. Onde a natureza é um território complexo que passa por política, cultura, vias, trabalho, colonizações, subsistência, mitos, coragem, ataques, genocídio, amor... Onde a floresta é densa e mítica. Onde povos tradicionais ainda habitam; onde indígenas ainda têm uma outra cosmologia e geografia. Onde tem indígena, tem floresta. Onde a natureza é uma eminente despedida e esperança.

Paisagens de ilhas morrendo. Eu vi. Ilhas estão sendo queimadas. Passa a chuva. Chegamos a uma ilha. As ilhas estão queimando. Animais morrem tentando nadar. As empreiteiras costumam deixar as árvores das bordas pendentes em direção ao rio de modo a dificultar a entrada. Conseguimos entrar. As copas dificultam a visão, quando as supero, olho, não resta nada. Devastação. Energia pesa. Há todas as implicações. Não consegui tirar nenhuma foto. Uma despedida. A ilha estava morta. Como são os olhos de quem se despede? Qual o olhar de despedida? Giordano



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Bruno em *Os vínculos* sugere os olhos como meio de formar vínculos, precisamente no *Artigo XXVII. Os olhos daquele que forma vínculos*.

Os vínculos são sutis, e aquilo que liga é quase imperceptível, profundo, passível apenas de se examinar ligeiramente, na superfície, por assim dizer, como aquilo que está sujeito a transformações a cada momento. Ele se relaciona com quem quer envolve-lo em seus laços não diferentemente de Tétis, ao evitar os abraços de Peleu. Assim, o vínculo deve respeitar o ritmo das mudanças e perceber em potencialidade a forma assumida por aquilo que a precede. (BRUNO, 2012, p. 34)

Santos nos diz que a vida se dá mediante três ordens, a Técnica, a Normativa (jurídica) e a Simbólica. A força de transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, que corresponderia a formas afetivas, emotivas, ritual, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação. Confundem-se com as formas culturais de apropriação e utilização da Técnica. Onde o que é a força está na afetividade, nos modelos de significação e representação. Lembra-nos ainda que a

ação é um processo, mas um processo dotado de propósito, segundo Morgenstern, e no qual um agente, mudando alguma coisa, muda a si mesmo. Esses dois movimentos são concomitantes. Trata-se, aliás, de uma das ideias de base de Marx e Engels; Quando, através do trabalho o homem exerce ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica sua natureza externa. (SANTOS, 2008, p. 78)

Mas o que podem os pescadores diante do monstro de concreto? Suas ações estão a serviços de outros interesses. Os de um projeto de progresso insustentável para servir e dar lucro e a destruição. O espaço se torna cada vez mais estranho a seus habitantes. Haverá um depois da Terra? A Amazônia não é paradeiro. A Amazônia não é amanhecer (QUEIROZ, 2013, p. 189). Me despeço do Xingu...

## 2. Sobre despedidas e natureza

Essas questões, e várias outras que não cabem aqui, em um momento levaram a concepção da oficina Sobre despedidas e natureza. Encontros para refletir e experimentar sobre fenômenos naturais. Realizada no Sesc Boulevard em Belém. Sua organização fluiu para o surgimento de três momentos que buscaram estabelecer coexistências e interfaces possíveis entre fenômenos terrestres, celestes e nós. “Pó”, onde verificamos práticas artísticas com elementos intangíveis, opacidade do espaço, estrelas, tempo, deserto. “Inundações”, em que partimos de situações de conflitos políticos, repercutidos em fenômenos de cheia, transbordamento, e seus impactos na região amazônica. “Som” onde demos ênfases a obras sonoras de investigação da própria natureza do som.





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

a Verdade enquanto moral científica. Partilhas. Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar. Viva o mangue.

Segundo, norteada pela entropia. Fenômeno que demonstra como o nível de desordem em qualquer sistema implica numa maior estabilidade do sistema. E é uma das noções no trabalho do artista visual Francis Alÿs, durante dez anos ele perseguiu tornados nos desertos do sul da Cidade do México tentando entrar em seu olho pacífico. Moveu uma duna de lugar no Peru com a ajuda de centenas de pessoas, em *Quando fé move montanhas*. Explora o desperdício de energia. Atua em situações em que o nada é reconfigurado. Buscando momentos de singularidades em que a organização surge do tumulto de forma abrupta produzindo o fenômeno...

Em o Pó, vimos vários trabalhos de Alÿs, *As vezes fazer alguma coisa não leve a nada* (1997), *Watercolor* (2010) e *Game over* (2011); intervenções de Christo e Janie Marie; o escultor Michael Heizer e suas intervenções de larga escala na terra como *Double Negative* (1969); refletimos sobre os impactos ecológicos da arte no minimalismo Walter Di Maria em *The lightning Field* (1977), que dispõe centenas de para-raios em uma planície americana compondo uma sinfonia visual de relâmpagos com a chegada de tempestades. Refletimos sobre a aridez, as pequenas e grandes dimensões, íntimas e distantes. Admitindo a Natureza arranjada semelhante ao proposto por Eidorfe Moreira, (1) átomos e células (o infinitamente pequeno), (2) os corpos celestes (o infinitamente pequeno), (3) o reino mineral, (4) o reino vegetal, (5) o reino animal, (6) humanos (2011, p. 22). Assistimos a *Nostalgia de la luz* (2010) do cineasta chileno Patricio Gúzman, que olha para diferentes buscas no mesmo deserto, a de corpos celestes e corpos humanos.

Em Inundações, assistimos ao filme *Beasts of Southern Wild* (2012) e pensamos como fenômenos naturais e artificiais repercutem em nossas vidas em todas as escalas. Nos pequenos gestos. Partindo da constelação de três artistas que trabalham o documental em distintos períodos da história da Amazônia em conflitos reflexos da colonização, desencadeados pela expansão industrial. Cláudia Andujar e os corpos do povo Yanomami durante a ditadura, trabalhos que deixaram coisas indefinidamente abertas em mim. Paula Sampaio em duas construções que são marcos das intervenções estatais, a construção da Transamazônica e as inundações decorrentes da formação do lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, em *Lago do esquecimento*, e seus impactos nas populações ribeirinhas. Luana Peixe, que dilui o conceito de documentabilidade até dentro de nós em trabalhos nos atuais projetos industriais na Amazônia como o da usina de Belo Monte na bacia do Xingu e no



